



Síntese dos artigos submetidos ao I SNEA – Grupo de Trabalho 5

Guillermo Gamarra-Rojas¹

¹Professor, UFC, ggamarra@terra.com.br

Introdução

O presente texto constitui uma síntese conjunta de experiências de Educação em Agroecologia. Realizada em consonância com orientações sugeridas pela Comissão Científica do I Snea, está organizada em três partes. A primeira traz breve caracterização das experiências, apontando semelhanças e diferenças entre elas. A segunda parte destaca os princípios e fundamentos norteadores e os relaciona às metodologias empregadas. A última procura evidenciar aprendizados e problemáticas vivenciados e enfatizados pelos sujeitos das experiências.

As experiências

As seis experiências, relacionadas à continuação, originam-se em contextos diversos e desenvolvem-se em tempos diferenciados, dos anos 1980 ao presente, no âmbito das Ciências Agrárias.

- A. Mutirão ciranda, construindo Agroecologia para além das salas de aula
- B. Txai, projetar com Agroecologia: iniciativas, experiências e desafios
- C. Metodologias participativas como eixo de ação do grupo Agrovida
- D. A Educação em Agroecologia na Universidade Estadual da Paraíba
- E. Tecnologia em Agroecologia: avanços e desafios
- F. Agroecologia na perspectiva da Educação Profissional do Campo: a experiência do curso técnico em Agroecologia do IFPR em Ortigueira - PR

As experiências A e B têm como principais sujeitos estudantes universitários da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) que, a partir da tomada de consciência, das crises ambientais, educacionais, políticas e culturais resultantes do processo histórico de modernização da agricultura impulsionado pela Revolução Verde (RV), buscam superá-las.

A e B organizaram-se em grupos heterogêneos, que inicialmente buscavam formas ecológicas de produção agrícola, diversidade e equilíbrio ambiental, adotando os sistemas produtivos como unidade fundamental de estudo e articulando iniciativas por uma agricultura sustentável e democrática.



Os objetivos desses grupos evoluíram no sentido de potencializar ações existentes e criar novas demandas para fortalecer a formação e a divulgação da Agroecologia. Buscam agir e articular-se local e nacionalmente, no intuito de trocar experiências e vivenciar saberes com base em abordagens pautadas nos princípios agroecológicos, bem como fomentar a intercessão de interesses baseados em pensamentos críticos advindos de experiências anteriores, seja de movimentos individuais ou coletivos.

Embora inseridos na universidade, a atuação de A e B se dá principalmente fora do âmbito dos currículos universitários, a partir de experiências vivenciadas fora da sala de aula e em práticas extensionistas.

A experiência C, do grupo Agrovida, nasce na Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), na presente década, no contexto de interiorização do Ensino Superior público, dialogando com a extensão universitária. São professores que reconhecem que a formação extensionista rural precisa ser incorporada às políticas de extensão universitária possibilitando aos estudantes um novo conhecimento no âmbito da metodologia, a ser trabalhado e articulado transpondo o currículo hierarquizado, linear e fechado, com a teoria dissociada da prática e da formação profissional.

Atualmente, professores e estudantes de graduação e pós-graduação da experiência C buscam desenvolver uma concepção inovadora de extensão universitária, com a formação extensionista rural do estudante estruturada na ciência, cultura e trabalho. De modo semelhante a A e B, os sujeitos de C atuam em diferentes níveis de organização socioambiental (do sistema de cultivo/criação, passando pelo agroecossistema familiar ao território e além), interagindo com agricultores familiares e jovens rurais, técnicos e gestores rurais.

As experiências D, E e F são iniciativas de Educação Superior de caráter mais formal, com projetos pedagógicos e currículos estruturados.

O Bacharelado em Agroecologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), presente na experiência D, foi criado pela Resolução UEPB/Consuni/005/2007, buscando romper com paradigmas vinculados à modernização da agricultura e à RV e seus impactos sociais, econômicos e ambientais. Procura contribuir para o desenvolvimento rural sustentável através da Agroecologia, por meio da participação popular, unindo saberes populares e científicos, formando profissionais com capacidade de criar, manter, estimular e apoiar iniciativas de desenvolvimento rural sustentável, atendendo ao contexto atual de transição da agropecuária convencional para uma



agropecuária alternativa.

A experiência E inicia em 2005 com um curso técnico pós-médio em Agroecologia, vinculado à Universidade Federal do Paraná (UFPR). Parte de um projeto pedagógico com abertura para o desenvolvimento de cursos com características de resgate e conservação das identidades culturais, conservação da natureza e desenvolvimento econômico. Reflexões sobre a experiência com esse curso sugeriram que a modalidade não era suficiente para garantir, com bases teóricas e práticas consolidadas, a formação adequada dos egressos. Então, o colegiado pensou que um curso superior na modalidade Tecnologia em Agroecologia seria uma alternativa para ampliação de carga horária, comprometimento social, integração com a realidade, com os movimentos sociais, com projetos em Educação do Campo e, conseqüentemente, aprofundamentos teórico-práticos.

O curso técnico em Agroecologia, experiência F, foi ofertado pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR), em Ortigueira, entre 2011 e 2013. A proposta de implantação e disseminação de cursos de nível técnico profissionalizante nasce juntamente com a criação do IFPR em 2009, como resultado de demandas oriundas dos movimentos sociais do campo. Tais demandas ampliam as motivações das experiências estudantis de A e B.

F busca, a partir da sinergia entre a Educação do Campo e da Ciência Agroecológica, formar agentes capazes de lutar pelas transformações sociais e tecnológicas na busca da superação do modo capitalista de desenvolvimento que avança sobre a agricultura camponesa. Diferentemente das outras experiências, tem como público preferencial filhos de assentados da reforma agrária e de agricultores familiares camponeses da região, grupo que historicamente teve dificultado o acesso à educação profissional específica para a realidade do campo. E e F atuam em parceria com o poder municipal e organizações dos movimentos sociais do campo.

Princípios, fundamentos e metodologias

Os princípios que orientam as experiências estão estreitamente relacionados aos problemas e motivações que as originaram, ilustrando uma necessária coerência entre vivência, reflexão e ação.

Verifica-se a intencionalidade num projeto coletivo alternativo, que se opõe às crises geradas pelo avanço da “modernização” excludente e sua expressão na agricultura capitalista ou agronegócio, com nuances em ênfases e focos de atenção,



conforme os lugares ocupados pelos sujeitos em suas experiências, seus acúmulos e graus de reflexão.

No âmbito da Educação Superior, vivenciado pelos movimentos estudantis, dá-se ênfase à superação da atual crise na educação, que, fragmentada, desvincula o ensino da pesquisa e da extensão, afastando-se, portanto, da interdisciplinaridade (dialogicidade e práxis). Aqui se considera necessária a convergência dos grupos na Agroecologia, considerada integradora de princípios agronômicos, ecológicos, socioeconômicos, políticos e culturais fornecendo a base para a transição de sistemas convencionais para modelos mais sustentáveis de agricultura.

No âmbito da extensão rural, enquanto processo de diálogo (e da práxis) para a promoção e fortalecimento da agricultura familiar, dá-se ênfase aos princípios da participação. E toma-se como eixo norteador das ações os princípios da Agroecologia, alicerçados no pensamento sobre soberanias, afirmando o espaço e o território dos agricultores familiares, assentados, povos e comunidades tradicionais, como ferramenta que valoriza os conhecimentos tradicionais e as formas de organização coletiva.

Num sentido político, o projeto alternativo à agricultura capitalista, ou agronegócio, estaria fundamentado no paradigma da questão agrária, na qual a Agroecologia se apoia: a soberania alimentar como princípio organizador da agricultura; a democratização da terra através da reforma agrária e da demarcação dos territórios; o reconhecimento dos saberes locais e sua relação equitativa com as inovações tecnológicas e uma nova lógica econômica, baseada na cooperação.

E, partindo do entendimento de que o território camponês é um lugar onde se produz conhecimento agroecológico, essa premissa sobre a importância do camponês enquanto sujeito da ação educativa aproxima a Agroecologia dos pressupostos político-pedagógicos da Educação do Campo. Destes, são destacados o respeito à diversidade do campo, a formulação de projetos pedagógicos específicos para as escolas do campo, flexibilidade/adequação às fases do trabalho e condições de clima, participação das comunidades e dos movimentos sociais do campo.

Dos fundamentos da ação educativa articulados aos métodos

Trabalhar a relação teoria e prática com atenção às etapas do processo de aprendizagem: 1) conhecer e compreender; 2) compreender e propor; 3) propor e agir.

A pesquisa-ação, compreendida como a arte de combinar objetivos práticos e de construção de conhecimento. O objetivo prático contribui para a busca de soluções em



atividades transformadoras, e o objetivo de conhecimento refere-se às diferentes situações vivenciadas.

Aprendizagem baseada em problemas e problematização, que origina campos de estágio e objetos de estudo traduzidos em monografias de graduação e pós-graduação.

Campo de atuação do extensionista como laboratório para problematizar metodologias participativas.

A auto-organização dos educandos e o trabalho socialmente útil (por exemplo, limpeza dos espaços educativos, preparo dos alimentos organizados pelos educandos), associados às atividades orientadas pelos educadores, favorecendo condições de permanência (não evasão) e convivência nos Tempos-Escola.

A atualidade associada à indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão. Por exemplo, no resgate de sementes crioulas (uma demanda atual), envolvendo ensino (tecnologia de sementes), pesquisa (estudo da agrobiodiversidade) e extensão (mapeamento social).

Matriz curricular organizada em módulos (eixos temáticos), articulando teoria e prática, contendo elementos de formação humana e profissional. Os componentes curriculares sendo assumidos coletivamente.

Pedagogia da Alternância, fundada no tripê ação-reflexão-ação ou prática-teoria-prática. Permite que o educando faça, num primeiro momento, a leitura da realidade; seguidamente, socialize, analise e reflita sobre ela com base nos conhecimentos aprendidos na escola; volte à sua comunidade e experimente e avalie a transformação de sua realidade; para, então, renovar o ciclo de aprendizagem, num novo patamar, com outro olhar.

Desafios

Onde não existem cursos de Agroecologia, como articular as experiências "extracurriculares" com a comunidade acadêmica para promover mudanças na matriz tecnológica (e pedagógica) das Ciências Agrárias, ainda fortemente ancorada no paradigma da difusão de tecnologia?

Atividades acadêmicas (atividades curriculares complementares) têm sido utilizadas como espaços e momentos de apropriação e aprofundamento em temas de caráter interdisciplinar, que impulsionem o debate, a reflexão e a percepção das diversidades de enfoque e de resolução de problemas?

Como se articulam os aprendizados em extensão rural com a extensão



universitária? Como ir além das relações funcionais/operativas?

Pode-se considerar que a sustentabilidade (agrária/agrícola) é um "estado" dinâmico no tempo e no espaço que resulta de processos de negociação e atitudes diante de pressões seletivas (materiais, econômicas, sociais, tecnológicas) ou coevolução ambiente-sociedade. Então, é possível conceber, enxergar e trabalhar as denominadas fases de transição agroecológica, que supõem um "horizonte ideal" de sustentabilidade a ser alcançado?

As experiências ilustram intencionalidades, atitudes e ações em diferentes níveis de agregação socioambiental (do campo de cultivo/criação, passando pela unidade familiar, a comunidade/assentamento, até o território e além). Quais são os canais de comunicação e pontos de interseção teórica, conceitual, metodológica e prática entre esses diferentes níveis de agregação socioambiental?

O desafio atual para a educação na Agroecologia é partir de cada realidade, com base na revalorização dos conhecimentos tradicionais locais e na adaptação de suas possibilidades ao conhecimento e métodos agroecológicos existentes.

Considerando que há dificuldade de acesso da família dos trabalhadores do campo, como educandos, em cursos regulares de Agroecologia e que estudantes provenientes de cidades com pouco ou nenhum vínculo com o campo e com suas atividades provocam tensões nos cursos, é possível pensar, em nível nacional, um projeto de educação agroecológica em que o campo e a cidade sejam beneficiados?

O sistema educacional (das séries iniciais à formação superior e à pós-graduação) poderia ter, na sua constituição curricular, temáticas de estudo que tratassem da Agroecologia — tais como a produção ecológica de alimentos, o campo como oportunidade de geração de emprego e renda, comportamento e bem-estar animal, saúde e bem-estar social — e processos culturais que estão ligados diretamente com o campo e seus costumes?